

## A LOUCURA NAS PERSONAGENS DE SHAKESPEARE (II)\*

Nuno Borja Santos

Psiquiatra com o grau de consultor do Hospital Fernando Fonseca

### Resumo

*Na segunda parte deste trabalho, o autor começa por referir alguns aspectos literários da peça “Ricardo II” que têm a ver mais com a sua dimensão de drama histórico, que de tragédia; seguidamente, aborda de um ponto de vista fenomenológico a personagem de Ricardo II, ilustrando o seu paralelismo com a posição de autores, como Minkowsky e Binswanger, acerca da vivência temporal na depressão; finalmente, nas conclusões, aponta a genialidade de Shakespeare que, com a sua inovadora pesquisa do humano, permitiu a revelação da loucura como algo que lhe é inerente.*

**Palavras-chave:** fenomenologia, depressão.

### Madness in Shakespeare’s characters

#### Abstract

*In the second part of this paper, the author initially stresses, the literary context of “King Richard II”, which allowed that we can read it like an historical drama rather than a tragedy; in the following section, the author analyses, from a phenomenologic point of view, Richard II character and its parallelism with the opinion of authors, such as Minkowsky and Binswanger about time experience in depressive patients. In the conclusions, he stresses the genius of Shakespeare, in his search of human condition which allowed the revelation of madness as belonging to it.*

**Keywords:** Phenomenology, depression.

### O contexto histórico-literário

Enquanto personagem, Ricardo II sobressai mais como poeta que como rei, já que nesta dimensão não é, de todo, competente. A sua dimensão humana é muito mais importante que a política, pelo que a peça se constitui mais como drama histórico que como tragédia. Ressaltam menos o relato e a representação factuais, que o desdobramento de situações em que a auto-confiança do rei se vai esboroando até à ruína. A própria estilização da personagem, pelo lirismo metafísico que lhe é emprestado, acaba por deixar o espectador à distância, em termos de adesão ao seu sofrimento, até pela discrepância entre as dimensões humana e estética, genial inovação literária de Shakespeare.

Por outro lado, no Renascimento, dá-se uma ruptura com as convenções da linguagem medieval, em que a gramática estava inscrita na lógica, constituindo-se a si própria como um sistema lógico. É a crescente influência do humanismo renascentista, ao acentuar a posição central do homem no universo – a par da evolução das línguas vulgares -, que vai permitir o uso da retórica como criação de subjectividade, o que explica, por exemplo, a introdução de extensos solilóquios, de que adiante teremos um exemplo.

### Análise da personagem

Ricardo II, no seu desespero, incarna uma das características fundamentais do humano,

a saber, a tendência dos deprimidos a julgar que a sua situação não pode ser pior do que já está, abandonando a luta. A própria lentificação do seu raciocínio, típica da depressão, vem também ilustrar o que referimos:

*Ric. Thus play I, in our person, many people,  
And none contented. • Sometimes am I King  
Then am I King'd again: and by-and-by,  
Think that I am unking'd by Bolingbroke,  
And straight am nothing: - But, whate'er I am,  
Nor I, nor any man, that but man is,  
With beeing nothing..... 1*

Vejamos, de seguida, na continuação deste magnífico solilóquio, a extraordinária definição da vivência temporal de um deprimido, que Shakespeare nos dá, na mesma linha do que viriam a fazer no séc. XX, Minkowsky e Binswanger, entre outros:

*....Music do I bear? (music is heard)  
Ha, ha! Keep time: - How soar sweet music is  
When time is broke, and no proportion kept!  
So it is in the music of men's lives  
And here have I the daintiness of ear,  
To check time broke in a disorder'd string;  
But, for the concord of my state and time,  
Had not an ear to hear my true time broke.*

*I wasted time, and now doth time waste me.*

*For now hath time made me his rrumb'ring*

*Clock:*

*My thoughts are minutes, and with sighs, they Jar*

*Their watches on unto mine eyes, the outward watch,*

*Whereto my finger, like a dial's point,*

*Is pointing still in cleasing them from tears. Now, sir, the sounds that tell what hour it is*

*Are clamourous groans, that strike upon my heart,*

*Which is the bull: So sighs, and tears, and Groans,*

*Show minutes, times and hours: - but my time*

*Runs posting on in Bolingbroke's proud joy, While I stand fooling here, his Jack o' the clock*

*This music mads me, let it sound no more;*

*For, though it have holp madman to their wits,*

*In me it seems it will make wise man mad Yet blessing on his heart that gives it me!*

*For't is a sign of lave, and lave to Richard*

*Is a strange brooch in this all-bating world 2*

Minkowsky, em 1933, apresentou as características principais da vivência temporal na depressão melancólica. O doente tem a sensação de viver mais vagarosamente que o tempo, como se este o estivesse a ultrapassar (*"I wasted time, and now doth time waste me./ For now hath time made me his numb'ring/ Clock:/ My thoughts are minutes, and with sighs, they/ Jar"*) de que resulta uma "décalage" do seu próprio dever, em relação ao do mundo (*"But, whate'er I am,/ Nor I, nor any man, that but man is,/ With beeing nothing (...)"*), bem como a impotência em poder algo mudar. Por vezes, os doentes descrevem que são os seus actos e pensamentos a determinar as horas do dia e não o contrário, que sucede nas situações de humor eutímico. O escoamento do tempo é desprovido de qualquer valor, determinando uma sensação de vazio. O presente é reduzido ao nada, como embargado entre as faltas do passado e o castigo do futuro (*"but my time/ Runs posting on in Bolingbroke's proud joy,/ While I stand fooling here, his Jack o' the clock"*). É, assim, afastada toda a possibilidade de relações positivas com o presente do mundo, sendo o comportamento próprio de um condenado à morte, condição que, curiosamente, existe em concreto, para Ricardo II. Também Binswanger, em 1960, retomaria o tema, ressaltando a disrupção da vivência do tempo do deprimido como, se uma nova malha, ligasse absurdamente passado e futuro ou, melhor, ligasse a reten-

ção e a protensão que os fundam e que, por norma, constituem, juntamente com a apresentação, as operações intencionais da objectividade temporal. Isto porque, na depressão, o pensamento, não estando atingido como função, está afectado enquanto motor de acção, por o indivíduo se situar predominantemente no condicional, como se o tempo pretérito se pudesse ter constituído de outra forma (*"Thus play I, in our person, many people, / And none contented: Sometimes am I King, / Then am I King'd again: and by-and-by,/ Think that I am unking'd by Bolingbroke"*). Estes elementos retentivos acabam por infiltrar a protensão, ou seja, contrariamente ao observado no mero pessimismo, para o melancólico, a perda do futuro já se realizou. (*"And straight am nothing..."*).

### Conclusões

Sabemos que Otelo e Ricardo II não existiram, pelo menos na forma como Shakespeare nos apresentou. Em todo o caso, são personagens de ficção. Logo, pode aparentar abuso, efectuar diagnósticos em doentes virtuais. Porém, o que quisemos sublinhar com este trabalho foi a genialidade do autor - e as suas personagens são um veículo para o seu pensamento - que, na transição do séc. XVI para o XVII, época em que se davam ainda os primeiros passos no abandono do obscurantismo médico, conseguiu, em Otelo e Ricardo II, a reunião de elementos

---

<sup>2</sup> É música que ouço? / Ah, Ah, A tempo... que amarga é a música mais doce! Quando não respeita nem tempo nem compasso! / O mesmo se passa com a música da vida humana. / Pois eu tenho tal agudeza de ouvido que / Distingo o tempo errado numa corda desafinada; / Mas na harmonia do meu reinado com o tempo, / Não tive ouvido para a falha do meu próprio tempo: / Perdi tempo e agora é o tempo que me perde; / Tornou-me num relógio para lhe contar as boras; / Meus pensamentos são minutos que com suspiros / Me marcam o tempo nos olhos, mostradores / Que os meus dedos percorrem como ponteiros, / Ao limpar das faces as lágrimas que caem. / Pois, senhor, as badaladas que marcam as boras / São gemidos que clamam e ferem o coração, / Como a um sino... assim suspiros, lágrimas e gemidos / Contam minutos, boras, o tempo. Mas o meu tempo / Corre a par da alegria ufana de Bolingbroke, / Fazendo eu figura de parvo, fantoche do relógio. / Esta música enlouquece-me. Que não toque mais; / Pois se a loucos já devolveu a razão, / A mim parece que torna loucos os homens sãos. / Mas abençoado o coração que para mim tocou, / numa prova de afecto; e, para Ricardo, afecto / É uma estranha jóia neste mundo de ódios.

psicopatológicos e fenomenológicos que hoje podemos considerar cientificamente correctos. Com a sua invenção do humano (para o que conseguiu penetrar na pele de todos os homens para saber como se comportariam em qualquer situação), de que a loucura faz parte, Shakespeare, estava também, na via desse abandono. Até porque, terá sido porventura o primeiro, a conferir à loucura, dimensão estética.

**Bibliografia:**

Binswanger, L. *Melancolie et Manie*. P.U.F. 1987. Paris.

Bloom, H. *Shakespeare: a Invenção do Humano*. Editora Ojectiva Ltda. Rio de Janeiro. 1998.

Gombrich, E. H. *The Story of Art*. Phaidon Press Limited. 1995.

Hauser, A. *História Social da Arte e da Literatura*. Martins Fontes. São Paulo. 1998.

Minkowky, E. *Le Temps Vecú. Études Phénoménologiques et Psychopatologiques*. Delachaux et Niestlé éd. Neuchâtel 1968.

Phelps, S., *The Complete Works of Shakespeare*. Glasgow and London. W.R.M.T.Iun & Sun Publishers.

Shakespeare, W. *Ricardo II*. Campo das Letras, Editores S. A. Porto. 2002.